

AUTORREGULAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES NOS PROCESSOS DE ENSINO DE ADULTOS

FERNANDES, Verônica R.¹; FRISON, Lourdes B.²

¹aluna do Curso de Mestrado em Educação – PPGE/UFPEL, verofernandes@gmail.com;

²orientadora do Curso de Mestrado em Educação – PPGE/UFPEL, lfrison@terra.com.br

1. Introdução as idéias

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas idéias desenvolvidas na pesquisa intitulada “Contribuições da autorregulação nos processos de aprendizagem no ensino de adultos”. A pesquisa está apoiada por vários teóricos que tratam sobre este tema. Zimmerman (1986), Veiga Simão (2004), Rosário (2007), são representantes dos trabalhos teóricos e práticos desenvolvidos internacionalmente no campo da autorregulação. Vigotski (1991), teórico que contribui nas discussões sobre os processos de aprendizagem, uma vez que ele também explica o conceito de autorregulação. E Knowles (1979), autor de contribuições importantes sobre a formação dos adultos, andragogia.

Na educação de adultos, percebe-se que uma das principais dificuldades destes alunos está em se sentirem seguros com que estão produzindo em sala de aula. Vivem a exclusão do tradicional sistema de ensino e apresentam em geral, um tempo maior de escolaridade, tanto devido as repetências acumuladas, quanto por interrupções ocorridas na vida escolar em função de necessidades familiares e sobrevivência, além disso iniciam muito precocemente a entrada no mercado de trabalho. São jovens e adultos que quando retornam à escola o fazem norteados pelo anseio de melhorar suas vidas ou por exigências ligadas ao mundo do trabalho. Tudo isso causa angústia, muitas vezes sentem-se “perdidos” em como vão proceder frente à produção de seu aprendizado.

Na busca de um caminho educacional que possa compreender o aluno jovem e adulto nos seus aspectos e componentes humanos, chega-se ao encontro da Andragogia. Uma forma de ensino diferenciada e específica para os adultos. Andragogia (KNOWLES, 1973) é a arte ou ciência de orientar adultos a aprender. Segundo Knowles (1973), à medida que as pessoas amadurecem, sofre transformações e passam de pessoas dependentes para indivíduos independentes, autodirecionados. Nesta perspectiva as experiências de vida acumuladas são fundamento tornando-se substrato de seu futuro aprendizado. Os interesses do aluno adulto pelo aprendizado se direcionam para o desenvolvimento das habilidades que utiliza no seu papel social, na sua profissão. Buscam por uma imediata aplicação prática sobre o que aprendem, e se interessam por conhecimentos a serem úteis para o seu futuro. Preferem aprender para resolver problemas e desafios, mais que aprender simplesmente um assunto. Apresentam motivações internas (como desejar uma promoção, sentir-se realizado por ser capaz de uma ação recém-aprendida, etc), mais que externas como notas em provas, por exemplo.

Lindeman (1926) identificou cinco pressupostos-chave para a educação de adultos. Ele indica primeiramente que, os alunos adultos são motivados a aprender na medida em que experimentam que suas necessidades e interesses são satisfeitos. Por isto estes são os pontos mais apropriados para se iniciar a organização das atividades de aprendizagem do adulto. Em segundo, a orientação de aprendizagem do adulto está centrada na vida; por isto as unidades apropriadas para organizar seu programa de aprendizagem são as situações de vida e não as disciplinas. Em terceiro, a experiência é a mais rica fonte para o adulto aprender; por isto, o centro da metodologia da educação do adulto é a análise de suas experiências. Em quarto, os adultos têm uma profunda necessidade de serem autodirigidos; assim, o papel do professor é engajar-se no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes seu conhecimento e depois avaliá-los. Em quinto, as diferenças individuais entre pessoas crescem com a idade; por isto, a educação de adultos deve considerar as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem.

Por sua vez, autorregulação é um construto que apóia a necessidade revelada por este aluno. Que se conceitua a partir da idéia que o sujeito estabelece metas (controle) ligadas as suas motivações (escolha) e que desenvolvem estratégias para alcançar seus objetivos frente às tarefas. Autorregulação na aprendizagem para Zimmerman (1986) refere-se ao grau em que os indivíduos atuam a nível metacognitivo, motivacional e comportamental, sobre os seus próprios processos e produtos da aprendizagem, na realização das tarefas escolares. Segundo Lopes da Silva (2004), a autorregulação implica em “dar-se conta” dos objetivos a atingir, produzindo uma organização da ação autorregulada, desde reconhecer as exigências da ação para realizar, discriminar, organizar os seus recursos internos e externos para a concretização da ação; avaliar as ações realizadas e a partir desta avaliação, alterar os procedimentos utilizados se o resultado ao que chegou não o satisfaz, convicto de que deve buscar ou gerar soluções para seus problemas ao aprender a aprender. Veiga Simão (2004) destaca que é preciso que a aprendizagem se fundamente na reflexão consciente sobre a compreensão do significado dos problemas que surgem, decidindo por ações através de um diálogo consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Nesta perspectiva, de ancorar a característica do aluno jovem e adulto, a autorregulação passa a ser uma possibilidade de autodirigir a aprendizagem necessária para produções de novos sentidos. Esta pesquisa busca na escrita o ponto final do seu estudo. Pois a linguagem (VYGOTSKY, 1991), é um instrumento da existência humana, através dela que conseguimos transformar os nossos pensamentos em processos conscientes, o tal “dar-se conta”, ou tomada de consciência. O ser humano se constitui histórico e socialmente e é a linguagem que permite o individuo se comunicar e controlar o seu comportamento, pois na relação com a natureza e com as pessoas, o individuo percebe ou toma consciência do que está fazendo. Ele toma consciência, que possui consciência, possibilitando reflexões sobre seus atos e sobre o meio em que vive transformado e dando novos significados e sentidos a sua existência. Segundo Lopes da Silva (2004, p. 32), “a linguagem possibilita a regulação do comportamento” e permite a “planificação de ações”, provocando uma

compreensão melhor das tarefas escolares e resoluções de problemas. A Linguagem assume um papel mediador, permitindo que o aluno perceba, produza estratégias, e avalie seus processos de aprendizagem.

Desta forma, a pesquisa tem como objetivo principal analisar as contribuições da autorregulação nos processos de aprendizagem dos alunos adultos.

1. Metodologia

O trabalho será desenvolvido a partir de uma pesquisa quase-experimental (GIL, 1991) com uma turma de alunos do PROEJA (Programa Nacional de Integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos), com homens e mulheres, de idade a partir de 18 anos, na disciplina de Relações Humanas no Trabalho.

Inicia-se a intervenção com a aplicação do teste intitulado IPES (Inventário de processos de estudos – Ensino Secundário), seguido por encontros-aulas apoiadas em estratégias autorregulatórias, baseadas no modelo PLEA (ROSÁRIO, 2007) apresentado em três fases: Planificação, Execução e Avaliação das tarefas. Cada fase detalha-se por: *Planificação* – Ocorre quando o aluno analisa a tarefa. A análise envolve o estudo dos seus recursos pessoais e ambientais para enfrentar a tarefa, o estabelecimento de objetivos frente à tarefa e um plano para reduzir a distância que os separa da meta final. *Execução*: Refere-se à aplicação de(s) estratégia(s) para atingir o resultado esperado. Os alunos utilizam um conjunto organizado de estratégias e automonitorizam a sua eficácia tendo em vista a tarefa estabelecida. *Avaliação*: É quando o aluno reflete sobre o produto da sua aprendizagem e gera metas para si próprio. Um dos pontos importantes desta fase é a implementação de novas estratégias que possam diminuir as dificuldades e atingir os objetivos propostos. Na figura abaixo, o processo não só se organiza da planificação para avaliação passando pela execução, mas em cada uma das fases a mesma dinâmica cíclica do processo é atualizada, reforçando a lógica autorregulatória. Este modelo apresenta uma seqüência do processo autorregulatório, na qual cada fase operacionaliza em si própria o mesmo processo cíclico, por exemplo, a fase de planificação deve ser planificada, executada e avaliada (ROSÁRIO, NÚÑEZ et. al., 2007).

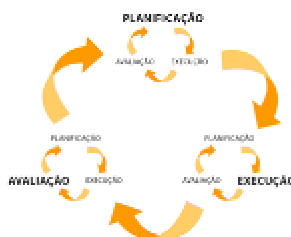


Figura 1: Modelo PLEA da aprendizagem autorregulada (ROSÁRIO, 2007)

Os encontros-aulas serão guiados por uma pergunta “Como estou me tornando o profissional que sou hoje?”, que será o norte para escrita final dos encontros. Os alunos registraram os encontros-aulas em “Cadernos de

Escritas”, que tem como objetivo para o pesquisador a verificação da tomada de consciência, o controle e a gestão do processo de aprendizagem dos alunos pesquisados. E para finalizar será realizada uma entrevista semi-estruturada contemplando as questões de investigação.

2. Resultados Parciais

Trabalhar este construto com os alunos adultos, mesmo que, neste momento, se perceba ainda bastante embrionário, já dá mostras de que é um caminho importante e possível. Isso pode ser verificado nos depoimentos feitos pelos alunos no final do segundo encontro “aprendi a envolver-me com a tarefa e percebi que para realizá-la devo planejar o que vou executar”. O primeiro encontro considerado “aquecimento” deu mostras de como este trabalho pode contribuir para a aprendizagem dos alunos, o aprender a aprender.

3. Conclusão

Conclui-se que, aplicar o modelo PLEA nas atividades de sala de aula, produz nos alunos, novos sentidos no seu aprender. O aluno percebe que ao planejar, executar e avaliar promove uma consciência reflexiva e a produção de novos conceitos.

4. Referências Bibliográficas

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991

KNOWLES, Malcolm. The Adult Learner - A Neglected Species. Houston: Butterworth-Heinemann, 1973.

LINDEMAN, Eduard. The Meaning of Adult Education. New York, New Republic, 1926.

LOPES DA SILVA, Adelina. A auto-regulação na aprendizagem: demarcação de um campo de estudo e de intervenção. In: LOPES DA SILVA, Adelina; DUARTE, António Manuel; SÁ, Isabel; VEIGA SIMÃO, Ana Margarida. Aprendizagem auto-regulada pelo estudante. Porto, Portugal. Porto Editora, 2008.

ROSÁRIO, Pedro Sales Luís; NÚÑEZ, José Carlos; GONZÁLEZ-PIENDA, Júlio. Auto-regulação em crianças sub-10 – Projecto Sarilhos do Amarelo. Porto, Portugal. Porto Editora. 2007.

VEIGA SIMÃO, A. M. O conhecimento estratégico e a auto-regulação da aprendizagem. Implicações em contexto escolar. In: LOPES DA SILVA, Adelina; DUARTE, António Manuel; SÁ, Isabel; VEIGA SIMÃO, Ana Margarida. Aprendizagem auto-regulada pelo estudante: perspectivas psicológicas e educacionais. Porto, Portugal. Porto Editora, 2004.

VYGOTSKY, Lev. Pensamento e Linguagem. São Paulo. Martins Fontes, 1991.

ZIMMERMAN, B. J. Development of self-regulated learning: which are the key subprocesses? Contemporary Educational Psychology, 11, 1986.